

Camila Corsi Ferreira

Orientadora:  
Profa. Dra. Maria Ângela  
P. C. S. Bortolucci

# *a* RQUITETURA eclÉTICA em ESPÍRITO SANTO DO PINHAL-SP: O CASARÃO ALMEIDA VERGUEIRO

182

pós-

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo documentar e analisar o Casarão Almeida Vergueiro, no âmbito dos casarões urbanos financiados pela riqueza acumulada pelo café e construídos em Espírito Santo do Pinhal-SP, nas últimas décadas do século 19 e nas três primeiras décadas do século 20. Estes casarões constituem um significativo acervo arquitetônico na cidade e importante acervo arquitetônico do ecletismo e da história do ciclo cafeeiro no estado de São Paulo. O casarão foi edificado por volta de 1880, pelo coronel Joaquim José de Almeida Vergueiro, importante fazendeiro de café da região, sendo uma das mais antigas edificações remanescentes na cidade e uma das primeiras a utilizar o tijolo como sistema construtivo, em substituição à taipa. De uso residencial, foi erguido no alinhamento do lote e com porão, no estilo eclético em que predominam características classicizantes, o que indicaria o poder econômico e o cosmopolitismo do proprietário. No ano de 2009, foi solicitado ao Condephaat estudo para seu tombamento, pelo guichê nº 01.013/09. Na ausência de dados, registros e documentação para a efetivação da análise, foram realizados levantamento métrico e fotográfico da edificação, bem como pesquisas sobre as transformações por que passou o edifício ao longo de sua história. Ao longo dos últimos anos, grande parte dessas edificações está sendo destruída ou descaracterizada. Com esta análise, buscamos destacar a importância do estudo da arquitetura da burguesia cafeeira, apontando para a necessidade de conscientização e preservação desse patrimônio, como documento histórico e arquitetônico.

## PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura paulista, patrimônio histórico, arquitetura residencial urbana, ecletismo, ciclo do café, Espírito Santo do Pinhal; arquitetura – São Paulo (SP).

ARQUITECTURA ECLÉCTICA EN  
ESPÍRITO SANTO DO PINHAL - SP:  
LA RESIDENCIA ALMEIDA VERGUEIRO

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo documentar y analizar la Residencia Almeida Vergueiro, en el ámbito de las residencias urbanas financiadas por la riqueza acumulada por el café y construidas en Espírito Santo do Pinhal-SP, en las últimas décadas del siglo 19 y las tres primeras décadas del siglo 20. Esas residencias constituyen un significativo patrimonio arquitectónico en la ciudad, y un importante acervo arquitectónico del eclecticismo y la historia del ciclo del café en el estado de São Paulo. La residencia fue construida cerca de 1880, por el coronel José Joaquim de Almeida Vergueiro, importante caficultor de la región, siendo una de las más antiguas edificaciones remanentes en la ciudad y una de las primeras en utilizar el ladrillo como sistema constructivo, en sustitución del barro. De uso residencial, se erigió en la alineación de la parcela, con sótano, en un estilo ecléctico en el que predominan características del clasicismo, una indicación del poder económico y el cosmopolitismo del propietario. En 2009, se ha pedido al Condephaat el estudio para su protección, con solicitud de número 01.013/09. En la ausencia de datos, registros y documentación para efectuar el análisis, se llevaron a cabo la encuesta métrica y fotográfica del edificio, bien como investigaciones sobre los cambios experimentados por el edificio a lo largo de su historia. En los últimos años, una gran parte de esas edificaciones está siendo destruida o perdiendo sus características originales. Con este análisis se busca poner de relieve la importancia de estudiar la arquitectura de la burguesía del café, apuntando a la necesidad de la concienciación y la preservación de ese patrimonio, como documento histórico y arquitectónico.

PALABRAS CLAVE

Arquitectura paulista, patrimonio histórico, arquitectura residencial urbana eclecticismo, ciclo del café, Espírito Santo do Pinhal, arquitectura – São Paulo (SP).

ECLECTIC ARCHITECTURE IN  
ESPIRITO SANTO DO PINHAL, SP:  
THE ALMEIDA VERGUEIRO HOUSE

ABSTRACT

This study documents and analyzes the Almeida Vergueiro house from the perspective of urban homes built under the coffee boom in the city of Espirito Santo do Pinhal, SP, in the last decades of the 19<sup>th</sup> century and the first three decades of the 20<sup>th</sup> century. These homes are part of the significant architectural heritage of that city and illustrate the eclecticism and history of the coffee boom in the state of São Paulo. The Almeida Vergueiro house was built around 1880 by Coronel José Joaquim de Almeida Vergueiro, an important coffee farmer in the region, and it is one of the oldest remaining buildings in the city and one of the first to use brick as a building material instead of mud. Intended for residential use, the home was erected in alignment with the lot and included a basement. Its eclectic style made extensive use of classical elements to show the wealth and cosmopolitanism of the owner. In 2009, a request for listing the home as a heritage building was filed at Condephaat under no. 01.013/09. Considering the lack of detailed records, data, and documents to list the home, Condephaat made a full survey of the property and researched the changes it underwent over the years. Most of these historical buildings have been destroyed or greatly changed in the past years. This article points out the importance of investigating the architecture of the coffee-boom bourgeoisie and the need to raise awareness and preserve these properties of great historical and architectural importance.

KEY WORDS

Architecture of São Paulo, historical heritage, urban residential architecture, eclecticism, coffee boom, Espírito Santo do Pinhal.

## INTRODUÇÃO

Inúmeras foram as transformações ocorridas, nos últimos anos do século 19 e primeiros do século 20, na região paulista em que se insere Espírito Santo do Pinhal<sup>1</sup>, uma das cidades da expansão cafeeira do estado de São Paulo, totalmente receptiva às novas influências nas formas de habitar e construir<sup>2</sup>. É o período do desenvolvimento da cultura do café e da instalação de uma extensa malha ferroviária, que facilitou a comunicação entre as zonas cafeeiras e o porto de Santos, mas também a vinda dos imigrantes e das novidades da Europa. Em Pinhal, a intensificação da produção de café ocorre a partir de 1860 e da instalação da ferrovia, em 1889. Assim, o transporte ferroviário e a nova situação econômica favoreceram a consolidação definitiva das novas ideias, e, sem dúvida, o ecletismo<sup>3</sup> esteve associado ao binômio café-ferrovia<sup>4</sup>. As tendências ecléticas, ainda que alheias ao meio, foram prontamente aceitas pela sociedade, como expressão de refinamento cultural e modernidade. O mesmo trem que possibilitou o escoamento da produção de café trouxe os materiais de construção importados, produzidos em massa e indispensáveis para a difusão do novo estilo em voga. Além disso, trouxe também o imigrante italiano, que não necessariamente se fixou nas fazendas de café, muitas vezes preferindo a cidade. Como ocorreu em São Carlos, “[...] eles se transformaram nos executores do ecletismo, a mão de obra disponível e necessária, para a implantação das novas técnicas já conhecidas por eles” (BORTOLUCCI, 1991, p. 378).

O desenvolvimento proporcionado pelo dinheiro do café mudou as características de Pinhal, que passava de acanhada a possuidora de “progresso material”, segundo palavras do jornal *A República* de 15 de março de 1903, e, portanto, marcada pelo ecletismo, aclamado como o estilo arquitetônico representativo desse novo contexto econômico e cultural. Segundo Reis Filho (1997, p. 152), será a camada formada por militares, médicos e engenheiros, cujas profissões os aproximam das ciências positivas, que propiciarão a propagação do movimento positivista, que irá

*[...] construir e utilizar uma arquitetura mais atualizada e tecnicamente elaborada, em sintonia com os padrões europeus daquela época, arquitetura tipicamente urbana, produzida e utilizada sem escravos, não como exceção palaciana, mas como resposta universal para as necessidades de todos os tipos e, teoricamente, de todas as regiões nacionais, onde o ecletismo, manipulado pelos profissionais renovadores de seu tempo, apresentou-se durante a segunda metade do século 19 – e mesmo durante o início deste – como um veículo estético eficiente para a assimilação de inovações tecnológicas.*<sup>5</sup>

Em Pinhal, a Arquitetura eclética foi introduzida pelo fazendeiro de café, que frequentemente visitava São Paulo e Rio de Janeiro e que, conhecendo também as cidades europeias, buscou inspiração na produção arquitetônica

desses lugares para executar sua própria residência urbana, que deveria representar sua posição social e econômica. A consolidação dessa imagem do fazendeiro de café passou necessariamente pela remodelação de sua residência urbana. Dessa forma, esse ecletismo produzido em outros lugares, especialmente na capital da então província de São Paulo, serviu para novas apropriações e reinterpretações locais.

Nesse sentido, concordamos com Benincasa (2003, p. 277), quando afirma que

*O Ecletismo proporcionou a realização de casas nos mais variados estilos e formas. Apesar de ter seu repertório formal muito criticado, por ser uma releitura livre e, às vezes, superficial, de estilos consagrados do passado, foi um período muito criativo e inovador da arquitetura mundial, principalmente no tocante às inovações tecnológicas, e, mesmo tratando-se do primeiro estilo internacional, isto é, que proliferou e teve aceitação em quase todas as regiões do mundo, na época, permitiu mais contribuições e adaptações regionais do que a linguagem do modernismo, cujo repertório formal, técnicas construtivas e materiais de construção eram mais definidos.*

Os casarões urbanos financiados por essa riqueza do café constituem ainda um significativo acervo arquitetônico na cidade. São belas residências, construídas para fazendeiros de café e profissionais liberais enriquecidos, como médicos e advogados, em sua maioria no período compreendido entre 1880 – o início do progresso da cafeicultura na cidade – e 1930, quando, em decorrência da quebra da bolsa de Nova Iorque, ocorreu um processo de estagnação na economia local e, conseqüentemente, na produção arquitetônica.

No presente texto, será apresentado o Casarão Almeida Vergueiro, uma das mais antigas edificações da cidade, construída por um importante fazendeiro de café e que ainda preserva grande parte de suas características formais originais. Uma vez que não há registros nem documentos, como plantas e mapas, para o estudo e análise desse casarão, foram realizados levantamentos ‘in loco’: levantamento métrico, que resultou na elaboração da planta do edifício em seu estado atual, e levantamento fotográfico, que buscou registrar as fachadas e, quando possível, o interior das edificações, além de detalhes construtivos e ornamentais, e de mobiliário da época, quando existente.

## A CIDADE

Pinhal, cidade paulista que teve sua formação na mesma época do surto cafeeiro, e seu desenvolvimento, por ele patrocinado, originou-se a partir de uma doação de terras relacionada a uma disputa por sua posse entre fazendeiros. Sua origem foi singular, uma vez que a cidade não surgiu a partir de povoações preexistentes, nem teve seu sítio escolhido com o intuito de se formar uma aglomeração. O local onde hoje se encontra o centro, iniciado em 1849, foi escolhido por ter sido o palco de confronto relevante envolvendo os donos das fazendas. Trata-se de um lugar alto, um espigão circundado por córregos e ribeirões na parte mais baixa, fazendo parte de um amplo entorno de topografia

montanhosa. O núcleo inicial foi organizado em torno da praça da atual Igreja Matriz (Praça da Independência), então capela, de onde partem algumas ruas, em tabuleiro de xadrez, até o limite das divisas originais do patrimônio. A forma de ocupação do solo em Pinhal foi determinada pelas classes dominantes, sendo as áreas preferidas da elite cafeeira, e posteriormente dos imigrantes bem sucedidos e relacionados com os fazendeiros, as quadras da parte alta da cidade, em torno da antiga Praça da Matriz – hoje Praça da Independência. A tendência do desenvolvimento da cidade em torno da capela (depois, Igreja Matriz) enquadra-se na afirmação de Marx (1980, p. 28) de que “[...] uma Praça de Matriz se impôs pelas povoações do interior com destaque indiscutível”. Posteriormente, no final do século 19, outros núcleos de atração foram se estabelecendo, como o edifício da Casa de Câmara e Cadeia e a Estação Ferroviária, possibilitando o surgimento de eixos entre esses núcleos e a referida praça. A Estação Ferroviária, surgindo como um novo núcleo de atração do tecido urbano, possibilitou a existência, no eixo de ligação, de “[...] quadras regulares (que) descem suavemente exibindo casarões que anunciam a república [...]”<sup>6</sup>.

Analisando a ocupação na cidade por casarões construídos no alinhamento do lote, percebemos uma predominância de propriedades pertencentes ao fazendeiro de café<sup>7</sup>, que, “[...] transformado no ‘coronel’ e no homem de negócios, ocupava os postos-chave da estrutura econômica, política e social”<sup>8</sup>. Tal predominância indica que esses cidadãos não só tinham o meio financeiro de possuir esses terrenos, os mais caros da cidade, como também usavam seus casarões para mostrar seu poder econômico e cultural, por meio de cópias e releituras da arquitetura em voga nos grandes centros. Geralmente localizadas nas esquinas, essas edificações referenciam o enriquecimento da sociedade local com o café<sup>9</sup>.

No Brasil do período colonial, especialmente do século 18,

*Aproveitando antigas tradições urbanísticas de Portugal, nossas vilas e cidades apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites dos terrenos. Não havia meio-termo; as casas eram urbanas ou rurais, não se concebendo casas urbanas recuadas e com jardins.*<sup>10</sup>

Da mesma forma, os anos do século 19 anteriores à Independência não apresentam grandes mudanças dos esquemas urbanísticos e arquitetônicos com relação ao século 18, e Reis Filho (1997, p. 34) afirma que o século 19 “[...] conservou praticamente intato, até a sua metade, o velho esquema de relações entre a habitação e o lote urbano que herdara do século 18”. A partir da Independência, a feição urbana passa por um processo de transformação, em virtude das mudanças dos diferentes fatores de influência, econômicos, sociais, políticos e tecnológicos, que vão exigir novas relações sócio-espaciais. A arquitetura também sofre alterações, “como as platibandas amputando os beirais dos telhados, a geometrização e a simetria dos cheios e vazios das fachadas, a introdução de outros materiais e detalhes construtivos”<sup>11</sup>. Reis Filho (1997, p. 42) afirma que “a essas transformações no campo da arquitetura correspondiam modificações significativas nos centros urbanos”, melhor percebidas nas cidades maiores.

Os registros de imagem mais antigos de Pinhal, que datam da década de 80 do século 19, indicam uma cidade com vínculos arquitetônicos tradicionais, percebidos nos casarões edificados no alinhamento e nas laterais dos lotes, ainda construídos em taipa, com telhados geralmente de duas águas com beirais. Na década seguinte, é notório o aumento no número de edificações<sup>12</sup>, e percebemos que, apesar das poucas modificações empreendidas, já é possível encontrar construções da classe abastada que começam a incorporar os princípios do ecletismo, como as platibandas.

Podemos afirmar que o Casarão Almeida Vergueiro se encaixa no contexto dos casarões edificados no entorno da praça principal, que posteriormente seguiram a tendência de incorporar características formais ecléticas. Localiza-se no centro da cidade, em uma das quadras em torno da Praça da Independência, ocupando um lote de esquina. O atual proprietário, Fernando M. Martini, utiliza-o como residência, mesmo uso que apresentava originalmente.

## O CASARÃO

Podemos considerar o Casarão Almeida Vergueiro<sup>13</sup> uma das mais antigas edificações ainda remanescentes na cidade, datado de 1880. Foi construído pelo coronel Joaquim José de Almeida Vergueiro, mineiro vindo de Brasópolis (MG), em 1879, e importante fazendeiro de café em Pinhal. Nessa época, o antigo Largo da Matriz ainda não havia sido calçado, o que aconteceu depois do início das obras do casarão.

*Não havia calçamento nem jardim, a igreja ainda era um quadrado de taipa; a luz se restringia a um ou outro lampião, assim mesmo 15 dias ao mês. Água encanada e esgoto, nem pensar, só bem depois... Os escravos iam buscar água nas bicas, e existia até os que tinham a profissão de vender água de porta em porta, os aguadeiros.<sup>14</sup>*

Esse casarão, de acordo com Bartholomei (2010, p. 170), foi “centro de importantes reuniões políticas e celebrações sociais”, no século 19. A autora afirma, por exemplo, que de lá partiu, em 1893, a procissão que levaria a pedra fundamental do hospital até o local escolhido para sua edificação. Rizzoni (1950, p. 188) relata que, após o ato oficial de inauguração da estrada de ferro, em 1889, “[...] teve lugar em casa do dr. Almeida Vergueiro um lauto banquete oferecido pela comissão dos festejos à diretoria, engenheiro da Cia. Mogiana, no qual tomou parte grande número de convidados [...]”. Além desses relatos, no jornal *Folha*, de Pinhal, datado de 13 de junho de 1943, lê-se: “[...] quando (Francisco) Glycerio veio aqui iniciar a campanha republicana o fez na casa de seu pai (Joaquim José de Almeida Vergueiro, pai de Amando), na casa grande de esquina do Largo da Matriz, uma das primeiras construídas com tijolos em Pinhal, e pelo pedreiro Henrique Beur [...]”.

Posteriormente, o casarão foi dividido pelo Coronel Joaquim José de Almeida Vergueiro, “[...] ficando uma entrada só, entre seus filhos, dr. Amando, do lado esquerdo, na esquina, e d. Maria Augusta Vergueiro do lado direito” (BARTHOLOMEI, 2010, p. 94). Após essa divisão, o coronel Vergueiro construiu outra residência, baseada em um projeto de um engenheiro suíço, que trouxe de



Figura 01. Mapa de localização do casarão, elaborado com base no mapa cadastral da cidade. Fonte: Autora.

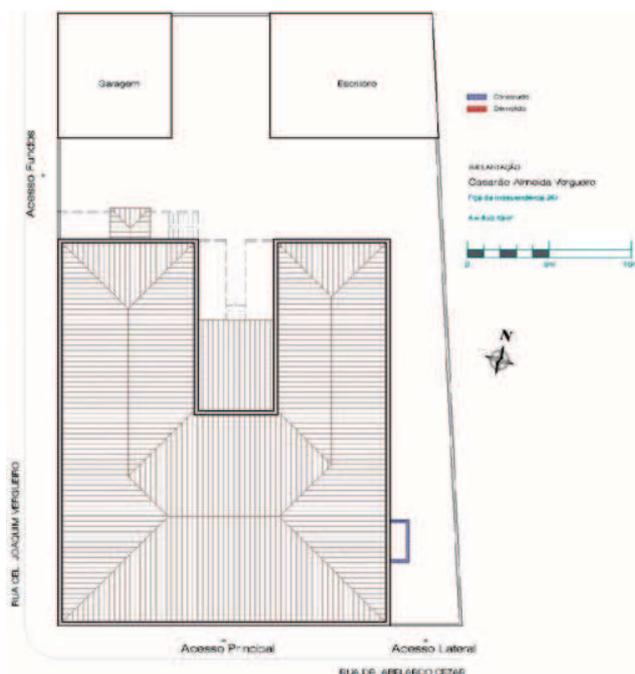


Figura 02. Implantação, elaborada com base no mapa cadastral da cidade. Fonte: Autora.

uma de suas viagens à Europa<sup>15</sup>. Ele viajava após cada término de safra do café e passava meses em Paris, de onde trouxe o mordomo Aléxis Noirez.

Mesmo conservando sua casa em Pinhal, após o casamento dos filhos mudou-se para São Paulo, onde era muito bem relacionado. Passou a habitar uma chácara no Largo do Arouche e tinha o hábito de passear a cavalo pela Avenida Higienópolis, pela Rua da Consolação, com os amigos, entre eles, o governador Campos Salles<sup>16</sup>. Isso nos mostra que a família Almeida Vergueiro era bem relacionada também na capital da província. A família, enriquecida com o dinheiro do café, podia realizar constantes viagens a São Paulo, à Corte e à Europa. Os ganhos com o café permitiam a adoção, por essa elite, de práticas e representações da burguesia como classe dominante<sup>17</sup>.

Com relação à implantação, o casarão encontra-se em um lote de esquina e tem a entrada principal localizada no eixo de simetria da fachada frontal, enquadrando-se na afirmação de Bortolucci (1991, p. 226), de que essas grandes construções eram erguidas no alinhamento das esquinas de imensos lotes, em geral nas quadras próximas à Igreja Matriz. Além disso, faz parte do que Reis Filho (1997, p. 127) chamou de importante inovação:

*Como os pavimentos térreos eram elevados com relação à rua, não podiam ser ocupados por lojas, mas apenas por residências, indicando a moradia dos grandes proprietários rurais, em contraposição às casas de comerciantes e oficinas, que abriam as portas diretamente para as ruas. (grifo da autora).*



Figura 03. Praça da Matriz – Residência do capitão Amando de Almeida Vergueiro, filho de Joaquim José, em 1903.  
Fonte: *Album do Pinhal*, 1903.



Figura 04. Fachada principal, voltada para a antiga Praça da Matriz, atual Praça da Independência.  
Foto da autora. 2010.

O terreno tem um leve declive, e o porão é baixo, não utilizável na parte voltada para a rua, e o volume ocupa os alinhamentos frontal e lateral, com pequeno recuo lateral. A volumetria se desenvolve seguindo a planta em forma de “U”, com um alpendre no vazio central voltado para os fundos. O corpo principal está localizado de frente para a Praça da Matriz, e o fechamento do acesso lateral, que já existia pelo menos desde 1903, é feito por meio de portão e gradis de ferro, separados por colunas encimadas com vasos. A entrada principal está voltada para a praça. Há um acesso de serviços e automóveis pela rua lateral, nos fundos do lote, com edificações novas – uma edícula e garagens -, dando acesso ao casarão pela cozinha.

Esse casarão já incorpora a linguagem do ecletismo, predominando características classicizantes, com volumetria compacta, simetria na fachada principal, modenatura com proporções rígidas e ritmadas. Comparando-se as fotos do casarão em 1903 (Fig. 03) e em 2010 (Fig. 04), percebe-se que houve modificações na platibanda, na ornamentação da fachada e no arremate da porta principal, que aconteceram em data desconhecida, encaixando-se na arquitetura elaborada na província com a influência da Academia, que se caracterizou pela “clareza construtiva e simplicidade de formas. Apenas alguns elementos construtivos como cornijas e platibandas eram explorados como recursos formais”<sup>18</sup>.

Certamente deve ter sido reformado para atender ao novo estilo. As residências urbanas das províncias constituíam, para alguns autores, cópias imperfeitas da arquitetura dos grandes centros<sup>19</sup>. No entanto, discordamos desse ponto de vista, pois nem por isso devem ser consideradas sem valor; ao contrário, representam o enriquecimento de uma classe que estava integrada a seu mundo e seu momento, buscando mostrar seu pertencimento, utilizando-se das soluções em voga nos centros de referência, seja na arquitetura ou no cotidiano. Não se poderia esperar uma cópia fiel, mesmo porque não havia essa obrigação. As novas apropriações são a grande riqueza e o grande mérito dessa arquitetura, que inovou com criatividade e flexibilidade.

A volumetria compacta do casarão se desenvolve seguindo a planta em forma de “U”, cujo telhado é em águas, sendo que as telhas, em 1903, eram do tipo colonial, e, já na década de 70 do século 20, do tipo francesa. Nas fachadas

voltadas para o exterior, a platibanda é ornamentada com balaustradas, e as platibandas nas fachadas voltadas para o interior são retas e sem ornamentos, sendo a transição entre elas arrematada com uma pequena voluta. Pela foto de 1903 (Fig. 03), percebe-se que a platibanda original não apresentava os balaústres, e sim uma sequência de estatuetas. De qualquer forma, trata-se de uma construção ajustada às características do ecletismo.

A entrada do casarão anteriormente apresentava verga em arco pleno e era ladeada por pilastras que iam até a platibanda, confirmando o que diz Reis Filho (1997, p. 126): “era comum conservar com vergas retilíneas as portas e janelas da fachada, tratando-se em arco pleno apenas a porta principal, de modo a destacá-la do conjunto”. Essa solução se manteve pelo menos até 1903, quando a verga da porta principal passou a ser também retilínea, da mesma forma que as janelas, encimada por frontão cimbrado interrompido. E as pilastras, que antes cercavam apenas a porta principal, passaram a incluir as duas janelas adjacentes, também apresentando frontão cimbrado interrompido, uma de cada lado. Esse conjunto foi coroado por uma platibanda de frontão cimbrado interrompido. Portanto a fachada frontal é simétrica, com a porta principal no centro e quatro janelas de cada lado. Também na fachada lateral há simetria, repetindo o mesmo frontão da fachada principal. Conta com nove janelas, de vergas retilíneas arrematadas por pequeno frontão de arco pleno. Na fachada principal, as janelas localizadas à esquerda da porta principal eram, em 1903, de guilhotina, enquanto as janelas do lado direito eram de abrir, com venezianas na parte de fora e vidraças na parte de dentro, com bandeira de vidro fixo. Posteriormente, as janelas de guilhotina foram trocadas por janelas de abrir, entre as décadas de 70 e 80 do século 20. Sobre a argamassa de revestimento, foram aplicados diversos ornamentos, em torno das janelas, cimbalhas e frontões sobre as janelas, falsas pilastras com capitéis, fustes e bases nos cunhais; embasamento imitando pedras aparelhadas. A bossagem dos cunhais reproduz pilastras cujo desenho se aproxima da ordem jônica.

No acesso principal desse casarão, a porta é de madeira, de duas folhas de abrir ornadas com grandes almofadas e com puxadores em cobre, e de bandeira fixa em madeira. Os degraus que levam ao nível do piso estão recuados, criando um pequeno patamar, para permitir que se abram as folhas da porta de entrada. A soleira de granito forma um degrau sobre a rua, e nesse pequeno patamar o piso é xadrez, em mármore preto e branco. Em seguida, três degraus em mármore levam ao nível da construção, com piso em madeira, para o qual se abrem as portas das salas de visitas. Esse pequeno corredor é fechado por uma porta de madeira e vidro, com bandeira de vidro fixo, que dá acesso à área íntima da casa. Por essa descrição, notamos seu vínculo com as construções apresentadas por Reis Filho (1997, p. 40), onde,

*[...] para solucionar o problema do desnível entre o piso da habitação e o plano do passeio, surgia uma pequena escada, em seguida à porta de entrada. Essa, com puxadores de cobre e com duas folhas ornadas de grandes almofadas, abria-se sobre um pequeno patamar de mármore, quase sempre com desenhos de xadrez em preto e branco. Após a escada, a proteger a intimidade do interior da vista dos passantes, ficava uma porta em meia altura, geralmente de vidro ou de madeira recortada.*

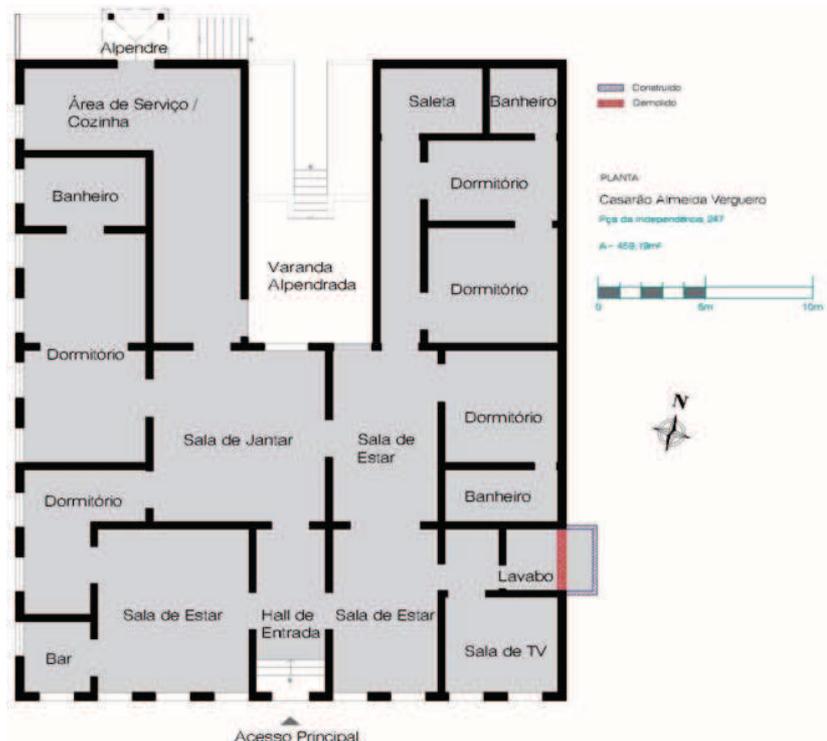
Interiormente, além da reorganização de espaços, as edificações do final do século 19 receberam aprimorada decoração, sendo que as salas e salões das casas mais abastadas ampliaram-se em número e se especializaram em função, surgindo as saletas de recepção ou visita, de música, de jantar, entre outras. A partir desse momento, os ambientes foram cada vez mais abertos às vistas alheias, para receber convidados para festas, jantares, saraus lítero-musicais, apesar de as dependências íntimas continuarem sóbrias.

No Casarão Almeida Vergueiro, vemos que, no interior da sala à esquerda da porta principal, com pé-direito de 3,50 m, as paredes são divididas em painéis marcados por entalhes ricamente trabalhados, contendo pinturas florais. No teto, esse mesmo tipo de acabamento percorre todo o perímetro e, ao centro, dando arremate para o grande lustre, uma rebuscada floral de folhas de acanto estilizadas. Estes aspectos estão de acordo com a descrição de Reis Filho (1997, p. 128) para as construções dessa época, quando

*As paredes [...] eram divididas em painéis, por meio de régua de madeira. As horizontais corriam em duas alturas: a primeira ao nível dos peitoris das janelas, servindo ao mesmo tempo de resguardo para os espaldares das cadeiras que o costume dispunha, muitas vezes, enfileiradas ao longo das paredes; a outra corria bem acima, fixando o arremate de portas e janelas, que, por sua vez, faziam a marcação vertical. Recebiam os papéis decorativos e quadros.*

*Gigantescos lustres de cristal, por meio dos quais tentava-se multiplicar a precária iluminação das velas. Acima destes, os forros, de tábuas de madeira, eram às vezes decorados com maior apuro, principalmente nos pontos centrais, junto aos ganchos de suportar lustres.*

Figura 05. Planta do casarão, elaborada a partir do levantamento métrico realizado em 2007.  
Fonte: Autora.



Esta descrição reafirma o fato de que, nesse momento, os proprietários já apresentavam uma preocupação em demonstrar sua riqueza por meio de suas residências, sendo a área social a mais valorizada, o que foi observado por Homem (1996, p. 18) na residência paulistana, que “[...] passaria a ser a mais bem cuidada e de maior luxo, para individualizar-se, a fim de expressar o êxito econômico, o gosto, as preferências culturais do proprietário, transformando-se no cartão de visitas dos moradores”.

Os costumes mais sóbrios, herdados do período colonial, foram sendo substituídos pelas salas de receber bem decoradas, com louças e mobiliário de luxo, que possibilitavam a projeção social dos proprietários<sup>20</sup>. Todo o piso da casa é em parquet, com desenhos de madeira em duas cores, exceto o piso das áreas molhadas.

A casa urbana, ainda locada no alinhamento da rua, já incorporava ambientes com novos usos, embora a distribuição dos espaços ainda correspondesse aos modelos da arquitetura colonial<sup>21</sup>. Nas casas térreas, a zona íntima ficava no meio da casa, entre a zona social, na frente, e a de serviços, ao fundo, com a “varanda” e cozinha, ainda vinculada ao partido colonial. Nesse casarão, dos mais antigos pesquisados, percebemos uma maior vinculação com a tipologia colonial. Ainda que as edificações tenham sido reformadas e descaracterizadas, preservaram, em geral, a destinação original desses espaços.

Esse casarão apresenta duas circulações: um corredor interno e outro externo. O corredor interno é o eixo que divide simetricamente a planta, apesar de hoje já estar modificada. Infelizmente, não há registros de como era a planta antigamente. Atualmente, tal corredor liga a área social, composta por salas de estar e de jantar, à área de serviços, passando pelos dormitórios, e dá acesso a um alpendre, situado no meio da planta, na parte dos fundos. Já o corredor externo, lateral e descoberto, dá acesso às áreas de serviço. A circulação segregada possibilitada pelos corredores, que substituíam aquela realizada através dos cômodos, garantia a constituição de uma privacidade antes inexistente<sup>22</sup>.

É possível notar, analisando-se o piso de assoalho das salas de estar, que paredes foram removidas, o que indica que a casa já passou por reformas, ao longo do século 20. Não foram encontrados, no entanto, registros e/ou informações precisas sobre essas mudanças. A fachada foi modificada, provavelmente ainda na primeira década do século 20, recebendo ornamentos ao gosto eclético então em voga. Como aconteceu na maioria das casas remanescentes desse período, a cozinha e o banheiro foram modernizados, tendo sido construídos banheiros novos e um lavabo na parte da frente, fazendo uma pequena saliência com relação ao corpo principal da edificação, na fachada lateral interna.

Sendo uma das primeiras edificações construídas com tijolos em Pinhal, vemos que a construção desse casarão estava em consonância com o que acontecia em torno da década de 1870 em São Paulo, e depois no interior da província, onde

*O uso do tijolo começou a concorrer com a taipa, primeiramente nas reformas, permitindo o remanejamento das fachadas. Nesse período, surgiram interpretações singelas do Neoclassicismo em voga no Rio de Janeiro<sup>23</sup>.*

Usado, ainda no período colonial, em abóbadas de sustentação de pisos e assoalhos, o tijolo foi, por sua disseminação em larga escala, a grande inovação tecnológica do século 19, sendo empregado primeiramente em construções de trabalho nas fazendas, como terreiros de café, aparatos de lavagem do café, tulhas, paióis etc. Foi a riqueza proporcionada pelo café que permitiu seu uso nas edificações residenciais, em contraposição ao uso parcimonioso que antes acontecia, tanto pela falta de recursos, como pela existência de materiais naturais mais baratos à disposição. Sendo o primeiro proprietário um fazendeiro bastante rico e viajado, é natural que ele tenha usado essa técnica construtiva em sua residência, a fim de torná-la símbolo de seu poder econômico.

O atual proprietário realizou uma restauração entre 1999 e 2000. O casarão apresentava problemas como fendas, fissuras, umidade e alteração cromática. Vemos claramente a técnica construtiva, ainda em bom estado de conservação, aparecendo após a remoção do revestimento externo das paredes, nos locais mais afetados pela umidade. Foram recuperados a fachada, as esquadrias e todo o interior do casarão, sem, no entanto, descaracterizá-lo, ao menos com relação às fachadas, cujos ornamentos foram mantidos e recuperados. Em 2009, a fachada foi pintada em duas cores, ressaltando-se os ornamentos preservados. Internamente, foram realizadas muitas modificações ao longo do século 20, mas o restauro preservou as pinturas e ornamentos originais ainda existentes.

Atualmente, os princípios norteadores de uma intervenção são a intervenção mínima, o respeito pela autenticidade histórica e pela estética, o registro das patologias, a compatibilidade de materiais, a distinguibilidade e, ainda, um plano de manutenção a longo prazo. Uma análise mais aprofundada deve dizer se tais princípios foram de alguma forma seguidos. É possível perceber que as partes que já não mais existiam foram refeitas, entretanto não ficaram distintas das partes originais. Além disso, acreditamos que não foi realizado nenhum estudo cromático para a pintura das fachadas.

Ainda assim, vemos que a intervenção foi mínima, apenas recompondo as partes faltantes, sem alterar as formas originais, e isso mostra o respeito pelo objeto, enquanto obra de arte histórica e estética. O fato de o atual proprietário, Fernando M. Martini, ter realizado essa restauração é digno de nota e mostra que ainda há pessoas que se importam com sua própria história e contribuem para sua manutenção. Esse valor deve ser percebido também por toda a população, e com este estudo pretendemos contribuir para essa conscientização.

## CONCLUSÃO

A Arquitetura residencial urbana de Pinhal, que inicialmente apresentava um aspecto externo limpo de ornamentações, caracterizado por uma certa monotonia estética, passou, a partir da década de 1880, a ostentar cada vez mais elementos decorativos vinculados à linguagem eclética. Essas manifestações ecléticas em Pinhal foram, de maneira geral, de forma tardia e superficial, no sentido de estarem livres de maiores compromissos com considerações de ordem filosófica e mesmo formal. Desse modo, as diversas tendências estilísticas ocorreram de maneira mais livre, bastando, muitas vezes, a justaposição, às antigas estruturas construtivas, de uma 'decoreção' classicizante, 'art-nouveau' ou

até mesmo neocolonial. Novos programas e técnicas construtivas foram assimilados pela sociedade local, produzindo uma diversificação do antigo partido da moradia urbana, em que os agenciamentos internos foram, progressivamente, tendendo a uma maior liberdade de organização espacial.

Podemos perceber, tanto no Casarão Almeida Vergueiro como nos demais casarões de implantação tradicional<sup>24</sup>, a assimilação do ecletismo, evidenciada nos detalhes decorativos de argamassa, nas molduras decorativas no entorno de janelas e portas, nos tímpanos triangulares ou cimbrados sobre as aberturas. Notamos também maior apuro na elaboração dos telhados e das platibandas, com balaústres, pinhas, estátuas; e também na dos gradis trabalhados em ferro nos balcões; no destaque dado às portas principais, na composição da fachada, ostentando postigos envidraçados e gradis metálicos finamente elaborados, e maior apuro nas janelas das fachadas externas. As mudanças na tipologia dessas residências foram introduzidas em edificações onde ainda predominava a volumetria compacta e sem movimento. Já as técnicas construtivas foram aprimoradas, sendo as casas agora mais bem construídas, com o uso da alvenaria de tijolos, “[...] muito mais maleável do que as anteriores, propiciando a confecção de vãos cada vez mais elaborados”<sup>25</sup>, o que possibilitou melhor nível de acabamento e sem as limitações da antiga taipa.

A Arquitetura do século 19 vem sendo progressivamente estudada e reavaliada, em um processo iniciado há algumas décadas, passando necessariamente pela quebra de preconceitos. Esse movimento certamente está contribuindo para o surgimento de uma nova consciência sobre a proteção e a restauração do patrimônio cultural do século 19 e das primeiras décadas do século 20.

*Portadoras de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como o testemunho vivo de suas tradições seculares. A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um patrimônio comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade.<sup>26</sup>*

De maneira geral, os significados de que são imbuídas as obras de arquitetura, seja propositalmente, desde sua formação, ou atribuídos posteriormente, mostram-nos, de acordo com Pinheiro (2006, p. 5), o papel da arquitetura como símbolos passíveis de se transformarem em identidades culturais. A questão da formação da identidade de um povo, que perpassa o âmbito urbano, apresenta-se como crucial para a formação de cidadãos conscientes e capazes de atuar em sociedade.

Nesse sentido, pretendemos aqui apresentar alguns subsídios para uma conscientização da necessidade de preservação do patrimônio como documento histórico e arquitetônico de Pinhal. Além disso, almejamos propiciar um maior conhecimento do lugar, das pessoas e das edificações, pois, conhecendo a história, entenderemos nosso presente. Por meio do estudo desse casarão, visamos mostrar o valor dessa arquitetura, a fim de contribuir para que haja maior conscientização sobre a necessidade de preservação desse patrimônio como documento histórico e arquitetônico.

Essa Arquitetura guarda em si valores culturais, sociais e simbólicos, representantes de distinção social e poder econômico de uma época de importantes e significativas transformações. É fundamental a preservação dessas referências, que representam as raízes culturais do lugar, documentos vivos da memória cultural da cidade de Espírito Santo do Pinhal.

## NOTAS

- <sup>1</sup> No decorrer do texto, iremos nos referenciar à cidade apenas pelo nome Pinhal, por ser esta a forma mais usada por seus moradores.
- <sup>2</sup> No final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, ocorreram profundas mudanças, também decorrentes da riqueza gerada pelo café, em várias cidades do interior do estado de São Paulo e do sul de Minas Gerais, que tiveram suas feições modificadas com a introdução de novas tipologias e novas características formais. Cidades como São Carlos, Campinas, Ribeirão Preto, Casa Branca, Itu, Guaxupé passaram pelo mesmo processo que Pinhal, tendo seus casarões alterados em função da introdução de novas ideias e novos materiais, tanto na cidade, como na zona rural. Obras que tratam de algumas dessas cidades sob o mesmo enfoque: BORTOLUCCI, M. Ângela P. de Castro e Silva. *Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro*. 1991. 2v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. CYRINO FILHO, Moacyr A. A. *Edifícios tombados na cidade de Guaxupé – MG*. 2008. 241 p. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. LAPA, Jose Roberto A. *Os cantos e os antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: EDUSP/UNICAMP, 1996 361 p. SOUBIHE, Maria Lucia Chagas Valle. *Ribeirão Preto: restauração do patrimônio do centro*. 1992. 136p. Dissertação (Mestrado), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1992.
- <sup>3</sup> Segundo Patetta (1989, p. 75), “Ecletismo corresponde a todo o complexo de experiências arquitetônicas que vão de 1750 até o fim do século XIX – isto é, da crise do classicismo, colocada pela revolução industrial, até as origens do Movimento Moderno. Nesse sentido, o estilo neoclássico trazido pelos artistas que compunham a Missão Francesa corresponderia à etapa inicial da prática eclética na Europa, transportada pelo Brasil”.
- <sup>4</sup> BORTOLUCCI, M. Ângela P. de Castro e Silva. *Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro*. 1991. Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. p. 378.
- <sup>5</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 178.
- <sup>6</sup> MARX, Murillo. *Cidade brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1980. p. 36.
- <sup>7</sup> Fato constatado pelo estudo do *Álbum do Pinhal*, de 1903, elaborado pelo comendador Monte Negro.
- <sup>8</sup> HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 117.
- <sup>9</sup> LAPA, José Roberto A. *A cidade: Os cantos e os antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 105.
- <sup>10</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 22.
- <sup>11</sup> MARX, Murillo. *Cidade brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1980. p. 98.
- <sup>12</sup> Segundo o *Almanaque da Província de São Paulo* para o ano de 1885, havia 280 casas com construção regular em Pinhal, e 9.000 habitantes no município (SECKLER, 1884. p. 357); o *Almanaque de Espírito Santo do Pinhal de 1893-1894* informa que, em 1893, havia 535 casas em construção regular na cidade, e 16.000 habitantes no município (LESSA, 1893. p. 22).
- <sup>13</sup> O casarão encontra-se na área envoltória de bens tombados, definida pela Resolução SC-35, de 16.11.1992, processo de tombamento nº 26.264/88, arquivo do Condephaat. Foi solicitado estudo para seu tombamento, pelo guichê nº 01.013/09 – “Ass.: Solicita Abertura de Estudo de Tombamento do imóvel situado à Praça da Independência, 247. Município de Espírito Santo Do Pinhal”.
- <sup>14</sup> BARTHOLOMEI, Marly de Alencar Xavier. *Espírito Santo do Pinhal: O romance de Pinhal*. São Paulo: Bellini Cultural, 2010., p. 93.

- <sup>15</sup>De acordo com Bartholomei (2010, p. 93), essa outra residência construída por Joaquim José é um chalé, que também aparece no *Álbum do Pinhal, 1903*. No ano da realização do álbum, a edificação pertencia ao tenente-coronel Eduardo Teixeira.
- <sup>16</sup>BARTHOLOMEI, Marly Xavier. *Espírito Santo do Pinhal: O romance de Pinhal*. São Paulo: Bellini Cultural, 2010. p. 94-95.
- <sup>17</sup>HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 17.
- <sup>18</sup>REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 117.
- <sup>19</sup>Ibid., p. 124.
- <sup>20</sup>MARINS, Paulo César Garcez. Vida cotidiana entre os paulistas: moradias, alimentação, indumentária. In: SETUBAL, Maria Alice. *Terra paulista: histórias, arte, costume*. São Paulo: CENPEC/IMESP, 2004. p. 146.
- <sup>21</sup>REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 126.
- <sup>22</sup>Ibid., p. 179.
- <sup>23</sup>HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 71.
- <sup>24</sup>Para ver a relação completa dos casarões levantados, consultar: FERREIRA, Camila Corsi. *Arquitetura residencial urbana: Espírito Santo do Pinhal, 1880-1930*. 2010. 531 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2010.
- <sup>25</sup>BENINCASA, Vladimir. *Velhas fazendas: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara – 1830-1930*. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 117.
- <sup>26</sup>Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios – Carta de Veneza – 1964.

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Maria Cecília M. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 1998. 2 v.
- ARANTES, Antonio Augusto (org.). *Produzindo o passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1984. 225 p.
- ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL. *Livros de Atas de Sessões Ordinárias e Extraordinárias. Anos de 1868 a 1930*. Espírito Santo do Pinhal, A Câmara, s.d.
- BARTHOLOMEI, Marly de Alencar Xavier. *Espírito Santo do Pinhal – O Romance de Pinhal*. São Paulo: Bellini Cultural, 2010. 392 p.
- BENINCASA, Vladimir. *Velhas fazendas: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930*. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. 403 p.
- BORTOLUCCI, M. Ângela P. de Castro e Silva. *Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro*. 1991. 2 v. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.
- CALDEIRA, João Netto. *Álbum de Espírito Santo do Pinhal*. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul, 1936. 154 p.
- CARTA DE VENEZA (1964). *Documento de Restauo*. Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios. Veneza, 1964
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001. 282 p.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A.C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972. 472 p.
- FABRIS, Annateresa ; LEMOS, Carlos A.C. *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987. 296 p.

- FERREIRA, Camila Corsi. *Arquitetura residencial urbana: Espírito Santo do Pinhal, 1880-1930*. 2010. 531 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2010.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo – Trajetória Política Federal de Preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc/IPHAN, 1997. 316 p.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 288 p.
- KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 230 p.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação*. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 1998. 448 p.
- LAPA, José Roberto A. *A cidade: Os cantos e os antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: EDUSP, 1996. 361 p.
- LEMONS, Carlos A.C. *Alvenaria burguesa*. São Paulo: Nobel, 1989. 205 p.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979. 158 p.
- \_\_\_\_\_. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999. 261 p.
- \_\_\_\_\_. *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976. 226 p.
- \_\_\_\_\_. *História da casa brasileira*. São Paulo: Editora Contexto, 1989. 83 p.
- \_\_\_\_\_. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 115 p.
- \_\_\_\_\_. *A república ensina a morar (melhor)*. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1999. 108 p.
- LESSA, Antonio Thomas Pacheco; CAMPOS, Tullio Theodoro de. *Almanaque de Espírito Santo do Pinhal 1893-1894*. Espírito Santo do Pinhal: s.c.p., 1894.
- MARINS, Paulo César Garcez. Vida cotidiana entre os paulistas: moradias, alimentação, indumentária. In: SETUBAL, Maria Alice. *Terra paulista: histórias, arte, costume*. São Paulo: CENPEC/IMESP, 2004. 89-190 p.
- MARTINS, Roberto Vasconcellos. *Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores do Pinhal – História de Espírito Santo do Pinhal*. São Paulo: Imprensa Latina, 1986. 883 p.
- MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, EDUSP, 1980. 151 p.
- MONTE NEGRO, João Elisário de Carvalho. *Álbum do Pinhal*. 1903. 88 fotografias, p&b.
- MOURA, Alypio O. Breve notícia. *A República*, Espírito Santo do Pinhal, 15 mar. 1903, ano I, n. 2.
- PERROT, M. Maneiras de Morar. In: PERROT, M. (org.) *História da vida privada. V. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 307-323 p.
- PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. A História da Arquitetura Brasileira e a Preservação do Patrimônio Cultural. *Revista CPC*, São Paulo, v.1, n.1, p. 41-74, nov. 2005/abr. 2006. Disponível em: <[http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07\\_revista\\_capa.php?id\\_revista=2](http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_capa.php?id_revista=2)>. Acesso 3 set. 2006.
- PUPPI, Marcelo. *Por uma história não moderna da Arquitetura brasileira*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. 192 p.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil* São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997. 211 p.
- RIZZONI, Ernesto (org.). *Anuário Pinhalense – 1951* Folhetim de “A Folha”. Espírito Santo do Pinhal, [1951?].
- \_\_\_\_\_. *Pinhal – História em notícia*. Espírito Santo do Pinhal: Tip. Santa Luzia, [1950?].
- \_\_\_\_\_. *Poliantéia do centenário do Pinhal 1849-1949*. Espírito Santo do Pinhal, 1949.
- SALVETTI, Amantino O. *Pinhal no Passado*. Espírito Santo do Pinhal: Gráfica Pinhal, 1994. 53 p.
- SECKLER, Jorge e Cia. *Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1885. Terceiro Anno*. São Paulo: Editores – Proprietários, 1884.
- TORRES, Valéria A. R.; TESSARINE, Luiz G. *Espírito Santo do Pinhal: A Rainha da Serra*. São Paulo: Nova América, 2006. 160 p.

**Nota do Autor**

O presente artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado “*Arquitetura residencial urbana: Espírito Santo do Pinhal, 1880-1930*”.

**Nota do Editor**

Data de submissão: Novembro 2010

Aprovação: Março 2011

---

**Camila Corsi Ferreira**

Arquiteta e urbanista, graduada e mestre pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC-USP), e doutoranda pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP).

Avenida Trabalhador São-Carlense, 400 – Centro

13566-590 – São Carlos, SP, Brasil

(16) 3373-9290

(16) 9147-2447

camilacf@sc.usp.br